

A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

THE SECONDARY EDUCATION STUDENTS' INVOLVEMENT IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: SOME CONSIDERATIONS

Raquel Stoilov Pereira*
Evando Carlos Moreira**

RESUMO

A intenção desta pesquisa é verificar a participação dos alunos do Ensino Médio nas aulas de Educação Física. A pesquisa envolveu duas escolas privadas da Zona Leste de São Paulo, bem como 446 alunos do Ensino Médio e 4 professores de Educação Física. Realizou-se um levantamento bibliográfico e, em seguida, uma pesquisa de campo, utilizando-se como instrumentos a observação de 80 horas/aula, aplicação de questionário para alunos e entrevista com professores. Entre as constatações presentes na análise dos dados destaca-se que 49% dos alunos questionados fazem aula de Educação Física porque gostam e têm seus interesses atendidos; no entanto, em 46% das aulas observadas não ocorreu a participação de todos os alunos, sendo que em 75% delas foi proposto apenas o esporte propriamente dito como conteúdo. A intervenção dos professores quanto à ausência ou desistência das aulas por parte dos alunos foi quase nula. Assim, concluiu-se que existe uma forte relação entre a conduta do professor, a proposta de conteúdos, a participação e a expectativa dos alunos quanto à aula.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Médio. Participação.

INTRODUÇÃO

Em 20 de dezembro de 1996 foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394, com a finalidade de estabelecer diretrizes e bases para a educação nacional, formalizando uma base comum de ensino no país.

Na seção I, artigo 26, parágrafo 3º da LDB, está o único amparo para os professores de Educação Física: “a Educação Física, integrada à proposta da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996).

A partir da Lei 10.328, de 12 de dezembro de 2001, a palavra “obrigatório” é inserida após a expressão “componente curricular”. Assim, na redação do artigo consta que: “a Educação

Física, integrada à proposta da escola, é componente curricular *obrigatório* da Educação Básica [...]” (BRASIL, 2001, grifo nosso).

A Lei 10.793, de 01 de dezembro de 2003, estabelece que a prática da Educação Física passa a ser facultativa para o aluno que: trabalhar mais de seis horas por dia; tiver mais de 30 anos de idade; for portador de algum problema de saúde, crônico ou temporário; estiver prestando serviço militar; estiver submetido a atividade física; tiver filhos (BRASIL, 2003).

Após a promulgação da LDB, em 1996, o Ministério da Educação, com o auxílio de especialistas de diversas áreas, publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), buscando estabelecer parâmetros unificados que atendessem às diversas necessidades concretas da escola a partir dos componentes curriculares.

* Especializando em Educação Física Escolar e Licenciada em Educação Física pela Fefisa – Faculdades Integradas de Santo André; Professora do Colégio Jean Piaget em São Bernardo do Campo.

** Doutorando e Mestre em Educação Física pela Unicamp; Professor e Vice-coordenador do curso de Educação Física da Fefisa – Faculdades Integradas de Santo André.

Assim, de acordo com Brasil (2004), os PCN's da Educação Física para o Ensino Médio foram criados com a finalidade de apontar caminhos para que o professor possa conseguir o desenvolvimento pleno de todos os alunos, e não apenas dos mais aptos.

Por outro lado, Celante (2000) critica os PCN's dizendo que o documento se preocupa demasiadamente em destacar a influência do esporte como única prática pedagógica do professor e a necessidade do resgate do prestígio da disciplina por parte de alunos e professores. Em seu entender, deveria centrar suas discussões na construção de um conhecimento padronizado com objetivos definidos, possibilitando uma educação que contemple as dimensões de desenvolvimento do ser humano.

Betti e Zuliani (2002) ressaltam que a Educação Física no Ensino Médio deve atender às necessidades dos alunos, e não aprofundar ou apenas reproduzir os conteúdos trabalhados durante o Ensino Fundamental.

Celante (2000) afirma serem raras as oportunidades em que as aulas do Ensino Médio não estão ligadas ao aperfeiçoamento técnico de habilidades esportivas aprendidas durante o Ensino Fundamental ou à prática formal de modalidades.

Brasil (2004) destaca que o professor deve ser o responsável pela elaboração de um planejamento dinâmico, que atenda às necessidades e interesses dos alunos, aliando os conteúdos da cultura local às novas tendências da atividade física, sem adotar modismos.

Além disso, segundo Hildebrandt-Stramann (2001), o professor que se atém apenas ao esporte durante as suas aulas impede os alunos de conhecer outras possibilidades de movimento, em vista da padronização do esporte; no entanto, relata que não existe uma forma única para executar um movimento, devendo cada indivíduo procurar sua própria forma de execução.

Em geral, Brasil (2004); Celante (2000); Hildebrandt-Stramann (2001) afirmam que durante o Ensino Médio a Educação Física não deve voltar-se apenas para a prática, mas utilizar-se de conhecimentos teóricos sobre o movimento humano e o esporte ou de problemas de ordem social, política, emocional, psíquica e física, criando situações-problema que o próprio aluno deverá resolver. A partir disso, os alunos desenvolveriam a

capacidade de criticar e discutir seus pontos de vista com autonomia.

Os mesmos autores apontam que a aprendizagem de habilidades motoras e capacidades físicas é necessária, porém insuficiente. Pressupõem que o aluno deve ser um praticante lúcido e ativo, que tenha conhecimento e compreensão dos pressupostos do jogo e seja capaz de apreciar todos os aspectos que o envolvem, tais como: a estética e a técnica; as informações e interesses políticos, sociais, econômicos e históricos do esporte; os recursos inadequados para melhor rendimento, bem como a influência das formas de comportamento pacífico ou violento dos praticantes e dos espectadores, dentre outros.

Diante disso, Celante (2000) conclui que:

[...]por meio da Educação Física que o aluno do Ensino Médio poderá compreender, questionar e criticar os valores que são atribuídos ao corpo e ao movimento corporal, para poder transformá-los. Em suma, cabe a Educação Física o papel de introduzir e integrar o aluno no universo da cultura corporal [...] (CELANTE, 2000, p. 86).

Pode-se concluir que o aluno não deve aprender apenas “como fazer”, mas, fundamentalmente, “aprender a aprender”: “[...] podemos dizer que muito mais que transmitir conhecimentos e habilidades por meio de objetivos limitados, um processo de formação deveria orientar os sujeitos no sentido de saber utilizá-los [...]” (MONTENEGRO; MONTENEGRO, 2004, p. 260).

Betti e Zuliani (2002) concluem que no Ensino Médio a Educação Física deve ter características particulares, inovadoras e diferenciadas em relação à fase cognitiva, física, social, cultural e afetiva em que os adolescentes estão vivendo.

Assim, observando a Educação Física no Ensino Médio, pretende-se com este estudo identificar particularidades suas no que diz respeito à participação dos alunos nas aulas, bem como os conteúdos propostos e a postura dos professores quanto à evasão dessas aulas.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, uma vez que a pesquisa bibliográfica destacou informações sobre a

existência e permanência da Educação Física no Ensino Médio, bem como críticas e perspectivas dessa disciplina na escola.

Como se fazia necessário conhecer a realidade tanto dos alunos como dos professores, fez-se a observação de 80 horas/aula (50 minutos) de Educação Física em duas escolas privadas da Zona Leste de São Paulo, com a participação de 446 alunos do Ensino Médio e 04 professores de Educação Física.

Vale ressaltar que, nesse momento, adotou-se como técnica a observação não-participante, em que o pesquisador se insere na realidade que será observada sem, contudo, participar dela, tendo a possibilidade de atuar conscientemente como se fosse um espectador (MARCONI; LAKATOS, 2003).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Observação não-participante

Entre as informações obtidas com a observação não-participante estão os índices de participação dos alunos nas 80 aulas observadas.

Tabela 1 - Relação da participação dos alunos nas aulas de Educação Física

Participação dos alunos	Número de aulas
Todos os alunos participaram da aula inteira	43 aulas
Nem todos os alunos participaram da aula	37 aulas

Pode-se notar que em aproximadamente 46% das aulas observadas não ocorreu a participação total dos alunos.

Entre os alunos que não participaram da aula inteira estão aqueles que não fizeram a aula (nem iniciaram) e os que pararam no durante ela.

Tabela 2 - Aulas em que nem todos os alunos participaram

Participação dos alunos	Número de aulas
Aulas iniciadas sem a participação de todos os alunos	30 aulas
Aulas que foram iniciadas por todos os alunos, mas posteriormente foram abandonadas por alguns	3 aulas
Aulas iniciadas sem a participação de todos os alunos que também foram abandonadas por alunos que a iniciaram	4 aulas

Sabe-se que ocorreu um número elevado de aulas sem a participação de todos os alunos; porém, pior que esse dado foi a quantidade de aulas iniciadas com número reduzido de alunos (37,5%), pois esses ficavam sentados na arquibancada.

O fato de os alunos deixarem a aula durante sua execução pode vir ao encontro de sua falta de motivação e interesse diante de conteúdos e estratégias inadequados, mesmo que essa não seja uma justificativa aceitável.

Diante disso, Bueno e colaboradores (1990 apud TOLEDO; MARQUES, 2002) relataram que a motivação está associada ao comprometimento motor estabelecido e, principalmente, ao fator que induziu o comportamento do indivíduo antes e durante a execução da atividade.

Apresentam-se agora as atividades desenvolvidas durante as aulas observadas.

Tabela 3 - Relação das atividades aplicadas aos alunos durante as aulas

Conteúdo	Número de aulas
Esportes coletivos	60 aulas
Fundamentos de modalidades esportivas	10 aulas
Atividades de caráter recreativo	10 aulas

Os jogos esportivos coletivos propriamente ditos estão relacionados à prática esportiva institucionalizada (formal), a qual inclui regras oficiais, cobrança de faltas, número determinado de jogadores e espaço físico específico (BRASIL, 1998).

Essa aplicação de práticas esportivas, ou melhor, de jogos, ocorreu em 75% das aulas observadas, dando a impressão de que aula de Educação Física é sinônimo de esporte. Esse dado já havia sido constatado por Celante (2000), quando afirmou que raramente as aulas de Educação Física no Ensino Médio deixam de estar voltadas ao aprimoramento de habilidades esportivas e à prática formal de esportes.

Kunz (1994) afirma que somente quando ocorrer a definição dos conceitos “corpo” e “movimento”, em relação às suas possíveis contribuições para a educação, desenvolvimento e formação do educando, será possível estabelecer como e com qual objetivo o esporte pode ser trabalhado como objeto de ensino na Educação Física.

Em vista disso, o autor ressalta que os alunos devem adquirir autonomia suficiente para entender o jogo e em seguida transformá-lo. Essa autonomia tornaria a aula muito mais prazerosa, pois o aluno seria o sujeito principal, uma vez que o professor seria mediador entre o aluno e o conhecimento.

As aulas de caráter recreativo que foram citadas na tabela anterior compreendem atividades como queimada e pique-bandeira. Essas aulas ocorreram apenas em uma das escolas, sendo que a outra instituição atentou apenas para os fundamentos e jogos esportivos.

As aulas de fundamentos esportivos ocorreram todas na mesma semana, sendo propostos a todas as turmas apenas fundamentos de voleibol (toque, manchete, saque e cortada na rede). Os exercícios entre os diferentes anos e turmas não eram modificados.

De acordo com Tojal (2001 apud MOREIRA, 2002), essa circunstância está relacionada ao modelo de profissional da atualidade, que muitas vezes, por falta de criatividade, competência e compromisso com os alunos, permite que a competição excessiva ou a exigência da *performance* substituam o caráter lúdico das aulas.

Essa constatação deve ser discutida, pois foi possível verificar que os alunos, mesmo estando no Ensino Médio, ainda têm dificuldades em realizar os movimentos específicos das modalidades, bem como em conhecer as regras, pois dependiam do professor para saber o que e como fazer.

Destaque-se o que Montenegro e Montenegro (2004) afirmaram: os professores não devem ensinar aos alunos exclusivamente “como fazer”, mas, acima de tudo, ensiná-los a “aprender a aprender”, ou seja, que estejam atentos à dinâmica social e possam manter-se atentos e disponíveis para a aprendizagem. Diante disso o ensino de objetivos limitados e fragmentados deveria ser substituído pela orientação sobre a utilização desses conhecimentos/habilidades transformados em conhecimento.

Vale ressaltar que a escola e o professor não estarão sempre ao lado do aluno fornecendo-lhe respostas (CELANTE, 2000). Este deve, antes de tudo, adquirir autonomia para atuar conscientemente na cultura corporal de movimento, tornando-se capaz de

entendê-la, produzi-la, reproduzi-la e transformá-la (BETTI; ZULIANI, 2002).

A partir desses dados, tem-se a intenção de identificar os motivos que levam os alunos a participar das aulas de Educação Física.

Questionários com os alunos

Tabela 4 - Motivo da participação dos alunos nas aulas de Educação Física

Manifestação dos alunos	Frequência
Porque é obrigado	127 alunos
Porque gosta	315 alunos
Ambas as opções	03 alunos
Não respondeu	01 aluno

Detectou-se que 70,6% dos alunos participam das aulas de Educação Física porque gostam, enquanto 28,5% o fazem por obrigação.

Inquieta saber por que 70,6% dizem gostar das aulas de Educação Física se em 46% das aulas observadas nem todos os alunos participaram delas.

Outra questão tinha por objetivo verificar se as atividades desenvolvidas pelos professores correspondiam ou não aos interesses dos alunos.

Tabela 5 – Atendimento dos interesses dos alunos nas aulas de Educação Física

Manifestação dos alunos	Frequência
Atende aos interesses	258 alunos
Não atende aos interesses	177 alunos
Não respondeu	06 alunos
Depende/às vezes	05 alunos

De antemão deve-se esclarecer que não havia as opções “depende” e “às vezes”, sendo que ambas foram criadas pelos alunos e optou-se por apresentá-las.

Cerca de 57% dos alunos afirmam que as atividades propostas nas aulas atendem a seus interesses. Esses dados destoam do número de aulas em que todos os alunos freqüentam, pois se os interesses são atendidos a participação deveria ser maior.

Outro ponto que ainda precisa ser discutido em profundidade é o que de fato esses alunos esperam das aulas de Educação Física, identificando, por exemplo, no início do ano, suas expectativas em relação a essas aulas e se

realmente elas são atendidas, em face do alto índice de descontentamento.

Com a intenção de verificar as possíveis relações existentes entre a motivação e o alcance ou não dos interesses desses alunos nas aulas, estabeleceu-se, de uma forma geral, o seguinte gráfico.

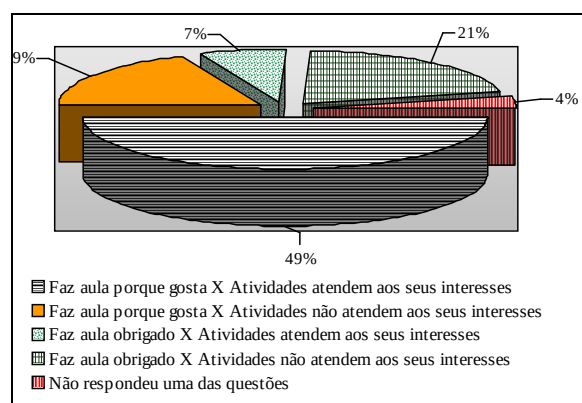


Gráfico 1 – Participação dos alunos em relação ao alcance dos seus interesses

A partir da análise desse gráfico pode-se concluir que quase 50% dos alunos fazem a aula porque gostam e têm seus interesses atingidos. Em contrapartida, 21% dos alunos participam da aula por serem obrigados, e não têm seus interesses atingidos. Diante disso, percebe-se uma grande relação entre a participação dos alunos nas aulas e o atendimento, ou não, de seus interesses.

Gallahue e Ozmun (2003) relatam que quando os programas de ensino não estão baseados nos interesses dos alunos, eles dificilmente vingam, pois os alunos não demonstram motivação durante a execução das atividades; por isso é que os alunos passam a se afastar cada vez mais das aulas de Educação Física.

Não obstante, é possível identificar certa incoerência nas respostas dos alunos, visto que 7% deles inicialmente afirmaram fazer Educação Física por obrigação e logo em seguida assinalaram que essas aulas atendem aos seus interesses.

Isso leva a concluir que existem alunos sem consciência dos próprios interesses, pois se esperava que os alunos que fazem aula por obrigação, corresponderiam aos que não têm seus interesses atingidos, hipótese contrária à constatação, mesmo correspondendo a um

número baixo de alunos (31) em relação à amostra total.

Os professores

Constatou-se que é grande o número de evasões, a participação e o interesse pelas aulas de Educação Física estão comprometidos e os conteúdos são repetitivos. Resta saber qual é a ação do professor diante dessa situação.

Das 80 aulas observadas, em uma única apenas um professor tentou convencer o aluno a participar da mesma, por meio do seguinte argumento:

“Hoje você não quer fazer aula porque está com preguiça; e quando você trabalhar, como vai ser? (Professor 1)”.

Os demais professores nada fizeram diante da ausência ou desistência dos alunos. Não se manifestaram no sentido de estimular a participação ou, ao menos, conscientizar os alunos no final da aula. Muitas vezes o único aviso ocorria em relação ao número elevado de faltas que o aluno estava tendo no bimestre.

Vale lembrar que o processo de recuperação era igual nas duas escolas: com o número de faltas superior ao que era permitido, ao final do bimestre o aluno deveria fazer uma pesquisa sobre o tema solicitado pelo professor. Conforme relataram os professores, existem alunos que chegam a esse ponto, mas o tal trabalho nem sempre é cobrado, seja pelos professores seja pela coordenação da escola.

Uma das questões colocadas na entrevista indagou a forma como o professor seleciona os conteúdos para aula. Foi possível notar dificuldade em responder à questão, pois nenhum deles foi claro e objetivo ao explicar como determinam o conteúdo. Todos, sem exceção, responderam que trabalham um esporte por semana, de acordo, muitas vezes, com o rodízio que é feito das quadras. Em momento algum se teve a impressão de que os professores buscam novas formas de conteúdo, demonstrando falta de entendimento do que representa o item conteúdo no plano de aula e no planejamento anual, fato constatado também na observação não-participante.

Outra questão buscou verificar se os professores pressupõem que os objetivos a serem atingidos junto aos alunos do Ensino Médio devem ser os mesmos para os três anos.

Novamente houve unanimidade entre os professores, visto que todos apresentaram os mesmos argumentos.

Os professores afirmaram que no primeiro ano do Ensino Médio deveria haver uma carga maior de fundamentos e regras, pois existem alunos que vêm de outra escola e ainda não detêm as habilidades esportivas; já nos segundos e terceiros anos não existe mais a necessidade desse trabalho, por já ter sido realizado anteriormente. Percebe-se inclusive que as aulas das turmas do segundo e do terceiro anos são idênticas.

Oferecendo apenas esporte, o professor deixa de atender às diferentes necessidades individuais dos alunos, pois estes provêm de culturas diferentes.

Infelizmente os professores discutem a Educação Física num plano superficial, entendendo-a como prática esportiva. Não proporcionam aos alunos a reflexão e a crítica, tão necessárias nesse nível de ensino, deixando clara, muitas vezes, a falta de identidade da própria disciplina na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização dos instrumentos permitiu constatar quão problemática está a Educação Física no Ensino Médio.

Mais da metade dos alunos que responderam aos questionários afirmaram gostar da aula de Educação Física, no entanto, apenas 57% deles responderam que as aulas atendem aos seus interesses, deixando uma parcela significativa de alunos descontentes.

Essa posição dos alunos pode ser reflexo da forma como as aulas eram propostas, pois, das 80 aulas observadas, 70 estiveram voltadas ao esporte (10 aulas de fundamentos esportivos e 60 de jogos propriamente ditos).

Durante as aulas verificou-se que, mesmo com essa presença maciça do esporte, os alunos ainda não adquiriram autonomia suficiente para

entender o jogo e em seguida transformá-lo, pois apenas reproduzem os gestos e orientações dos professores, não existindo nenhuma intervenção crítica, reflexiva e qualitativa no decorrer das aulas.

Além disso, observou-se que a atuação dos professores deixa a desejar, pois se nota certa acomodação. Não existe intenção de mudar, não existe o comprometimento com o aluno e seu desenvolvimento.

De certa forma verificou-se que os alunos até gostam da disciplina, mas faltam-lhes subsídios para compreendê-la de forma mais profunda. Talvez esse posicionamento seja reflexo da própria postura indecisa dos professores, pois estes não vêem a disciplina como possibilidade de mudanças de comportamento e possibilidade de crescimento pessoal e social (pelo menos não é isso que se percebe com as aulas propostas).

Sabe-se que todo processo de mudança requer tempo, compromisso e, nesse caso, parceria de ambas as partes (alunos e professores), mesmo que na situação desse nível de ensino isso possa parecer um tanto difícil. No entanto, parte-se do princípio de que a mudança deve ser gradual. Alunos e professores precisam se conscientizar de seus papéis dentro da escola, com a finalidade de atingir focos mais importantes (criação, criticidade, transformação, discussão) que a simples transmissão e reprodução de conhecimentos.

Os professores devem, com urgência, repensar suas posturas e conscientizar os alunos, pois se essa situação perdurar, em breve não existirá mais motivo para a existência da Educação Física no Ensino Médio, visto que a ação pedagógica dos professores não vem suprindo as necessidades, quer do educando quer da própria disciplina.

Assim, este estudo representa um alerta sobre as inúmeras mudanças, futuras, mas imprescindíveis, que devem ocorrer acerca da Educação Física no Ensino Médio. Isso só será possível se os estudos sobre a área forem cada vez mais precisos e efetivos.

ABSTRACT

This research aims to verify the involvement of High School students in Physical Education classes. The research involved two private schools located in the East District of São Paulo City, Brazil, as well as 4 Physical Education teachers and 446 high school students. It was developed a field research using as instruments: the observation during 80 hours/classes; a questionnaire for the students and an interview with the teachers. Among the present establishments to the data analysis, it was noticed that 70% of the students attend to Physical Education classes because they like, although 46% of the students are not involved in the classes. The research shows that there is a strong relationship among the teacher's behaviour, the contents proposal, the students' involvement and expectation in class.

Key words: Physical Education. High School. Involvement.

REFERÊNCIAS

- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **REMEFE: revista mackenzie de educação física e esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-82, jan./dez. 2002.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833-27841.
- _____. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 mar. 1998. Seção 1, p. 1.
- _____. Lei n. 10.328, de 12 de dezembro de 2001. Introduz a palavra obrigatório após a expressão curricular, constante do parágrafo 3º artigo 26 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2001. Seção 1, p. 1.
- _____. Lei n. 10.793, de 01 de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, parágrafo 3º, e art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 dez. 2003. Seção 1, p. 3.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**: área linguagens e códigos, 1999. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/semtec/ensmed/pcn.shtm>>. Acesso em: 24 maio 2004.
- CELANTE, A. R. **Educação física e cultura corporal**: uma experiência de intervenção pedagógica no Ensino Médio. 2000. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Tradução: Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. São Paulo: Phorte, 2003. cap. 12, p. 408-430.
- HILDEBRANDT-STRAMAN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2001.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: metodologia da pesquisa. In: _____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. cap. 9, p. 174-214.
- MONTENEGRO, E.; MONTENEGRO, P. A. Ética e docência na educação física. In: TOJAL, J. B.; COSTA, L. P.; BERESFORD, H. (Org.). **Ética profissional na educação física**. Rio de Janeiro: Shape: CONFEE, 2004. cap. 21, p. 257-268.
- MOREIRA, E. C. **Licenciatura em educação física**: reflexos dessa formação na região do Grande ABC. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- TOLEDO, D. S.; MARQUES, E. R. D. **Educação física no ensino médio**: considerações sobre a motivação. 2002. 42 f. Trabalho de Iniciação Científica (Graduação em Educação Física)–FEFISA, Faculdades Integradas, Santo André, SP, 2002.

Recebido em 12/06/05
Revisado em 30/09/05
Aceito em 10/10/05

Endereço para correspondência: Raquel Stoilov Pereira. Rua Inácio, 380, apto 31, Vila Zelina, CEP 03142-001, São Paulo-SP. E-mail: stoquel@uol.com.br